

Capítulo 3 – A migração para quem fica: perspectivas das famílias de emigrantes internacionais valadarenses (Brasil)³⁵

Igor José de Renó Machado, Alexandra C. Gomes Almeida, Ellem Saraiva Reis

Este capítulo pretende discutir como as famílias de emigrantes lidam com a saída de seus membros e como imaginam a organização da experiência durante a ausência causada pela emigração.³⁶ Para tanto, organizamos o texto em três partes:

35 Este capítulo foi construído a partir de dois artigos publicados sobre o tema: Machado, Almeida e Reis (2009) e Machado e Reis (2007).

36 A pesquisa foi realizada em Governador Valadares em sete momentos: os cinco primeiros estão indicados na nota de rodapé 28. O sexto e sétimo momentos aconteceram em 2009 (janeiro e julho) e foram realizados por Fábio Stabelini, Amanda Fernandes Guerreiro, Flora Guimarães Serra e Roberta Morais Mazer. Essas sete visitas ao campo resultaram em 16 diários de campo e cerca de 100 entrevistas semiestruturadas nesses vários momentos. Os entrevistados são, em geral, moradores de bairros pobres da cidade, marcados pela grande emigração internacional. Os argumentos desse texto se baseiam nas entrevistas e, principalmente, nos diários de campo. Essas visitas também resultaram em oito relatórios finais de iniciação científica, muito importantes para a

a primeira parte explicando a relação de Valadares com a emigração para Portugal, e as duas últimas tratam das dinâmicas que relacionam as experiências de vida dos valadarenses em Portugal e a conexão com as suas famílias em Valadares.

VALADARES E PORTUGAL

De acordo com Fusco (2001), em 1997, 85% dos emigrantes valadarenses tinham como destino os Estados Unidos, enquanto apenas a ínfima parcela de 2,7% escolhia Portugal. Segundo o delegado da Polícia Federal de Governador Valadares, Rui Antônio da Silva, as porcentagens dos destinos dos projetos migratórios valadarenses em 2006 eram: 50% para solo estadunidense e a expressiva marca de 40% dos emigrantes tendo como destino Portugal. Além disso, estudos acadêmicos já apresentados também demonstraram as mudanças de parte do fluxo migratório de valadarenses para Portugal (MACHADO, 2005; CASA DO BRASIL EM LISBOA, 2007; PEIXOTO; FIGUEIREDO, 2006).

Para além do destino norte-americano, demonstramos a emergência de Portugal como destino importante (MACHADO; REIS, 2007). Se a relevância de Governador Valadares é conhecida de um ponto de vista brasileiro, do ponto de vis-

sistematização dos argumentos aqui defendidos: Reis (2006) – CNPq, Reis (2007) – CNPq, Almeida (2006) – Propg/UFSCar, Almeida (2007) – Fapesp, Stabelini (2008) – CNPq, Guerreiro (2008) – CNPq, Serra (2009) e Mazer (2010).

ta português alguns indícios indicam que ela é relevante: o trabalho conduzido em 2003 pela Casa do Brasil de Lisboa (2007), posteriormente publicado em Malheiros (2007), indica que 31% dos brasileiros entre 15 e 64 anos que habitavam os distritos de Lisboa e Setúbal eram oriundos de Minas Gerais. Rossi (2007), em pesquisa sobre remessas, com uma amostragem de caráter nacional, indicava que Minas Gerais era, em 2004, o estado brasileiro que mais produzia imigrantes em Portugal, com 30,8%, número muito próximo da amostragem da CBL. Pressupõe-se aqui, por conta do volume de imigrantes que a região de Valadares produz entre os imigrantes mineiros (ver Soares (2002, p. 86-92)), que uma parte considerável desses migrantes é da região de Valadares. Essa pressuposição é também amparada no trabalho de Oliveira (2006) e Techio (2006). Oliveira (2006), a partir de sua experiência etnográfica na Costa da Caparica, indica que grande parte dos brasileiros provinha da região de Valadares. Também o trabalho de Techio (2006), baseado em etnografia na Costa da Caparica, aponta para a importância de Valadares como região de significativa emissão de migrantes.

Como analisado em Machado (2005), a migração de valadarenses para Portugal era um fenômeno relativamente crescente. A pesquisa indicou que havia uma relação entre a dificuldade crescente para entrar nos EUA e o aumento da migração para a Europa. Pesquisa realizada durante 2009 revelou que atualmente a crise econômica provocou um refluxo

da emigração, com muitos emigrantes retornando. Entretanto, o fluxo não foi interrompido, e muitos continuam a sair para a aventura da emigração, e agora a Europa parece um destino tão menos atraente quanto os EUA, por conta da severa crise econômica europeia. Não sabemos ainda o lugar de Portugal nesse novo cenário migratório pós-crise e nos atemos aqui a falar sobre a situação antes da crise.

Apesar de o fluxo migratório para Portugal não estar explicitamente ligado a estruturas ilegais de emigração, ao longo do trabalho, percebemos que existe em Governador Valadares uma estrutura básica que permite qualquer tipo de imigração – legal ou ilegal –, a qual apenas se aproveitou da demanda por um destino mais barato e se “organizou” para oferecer este novo produto: Portugal. Diversas vezes citadas nas entrevistas, as agências de viagens, por exemplo, têm um papel de destaque para a efetivação do projeto imigratório, pois, através de seus “serviços”, o emigrante recebe orientações de comportamento, apoio logístico, bem como indicações de diferentes e mais fáceis rotas de entrada na Europa.

Os custos da migração para os EUA estavam cada vez mais elevados, conforme aumentava a restrição e controles por parte deste país, girando em torno de algo como 8 a 10 mil dólares. Essa é uma quantia muito elevada para padrões brasileiros e, em geral, indicava uma grande dívida para aqueles que pretendiam enfrentar a passagem pela fronteira mexicana. O custo total das viagens para Portugal, em comparação,

não passa dos 2 mil dólares. Portugal virou, portanto, uma alternativa mais barata de migração.

Francisco Teixeira – delegado regional da Associação Brasileira de Agências de Viagem (ABAV) – explicou que as agências fornecem informações, dicas de comportamento e orientam sobre a documentação necessária para que a imigração seja bem-sucedida. Segundo os diversos relatos, os funcionários das agências de viagens aconselham os emigrantes a não levarem muitas roupas, nem peças que são oferecidas pelos hotéis, como toalhas. Para evitar qualquer suspeita dos policiais, eles pedem também para que essas pessoas não viajem muito arrumadas:

Vai na agência, compra a passagem, eles explicam o que você tem que fazer e o que você não tem que fazer... Uma coisa que não pode levar muito... Na bagagem, é o menos possível; toalha você não pode levar porque no hotel oferece. Então é só o básico, só a roupinha do dia a dia, e não é coisa chique, não, pois turista anda tudo desleixado (Relato de Ma).³⁷

Além disso, e um dos pontos mais interessantes, os entrevistados explicaram que, para encobrir os reais motivos da ida a Portugal, paga-se às agências uma quantia em dinheiro para que seja feita uma reserva fictícia em algum hotel

37 Os relatos de emigrantes retornados e de seus familiares serão citados apenas por meio das iniciais dos entrevistados, buscando resguardar o anonimato dos indivíduos. Todas as entrevistas foram realizadas entre os anos de 2005 e 2007.

português, o qual não será usado e, em alguns casos, nem existe. O imigrante tem consciência de que não poderá usar o hotel e que seu dinheiro não será devolvido. É importante ressaltar também que alguns entrevistados explicaram que adquiriram pacotes turísticos como forma de camuflar a intenção de trabalhar no país, mas todos enfatizaram que também não utilizaram nenhuns dos serviços oferecidos.

Eu paguei, na época, 50 dólares pela reserva do hotel [...] A gente, na verdade, nem sabe onde está este hotel [...]. Esse hotel não existe também. Eles têm vários números de hotel lá, tipo um contrato. Aí, te dão um papel de uma reserva de hotel, mas, se você for no próprio hotel que eles te deram aquilo, não tem seu nome lá (Relato de Ro).

Os relatos esboçam que pessoas de outras cidades ou da própria capital de Minas Gerais – Belo Horizonte – conseguem o visto mais facilmente; muitos são parentes dos próprios entrevistados.

Um deles foi para lá [Portugal] querendo juntar dinheiro para de lá passar para os Estados Unidos (Relato de Cl).

Todos eles têm o sonho de ir para os Estados Unidos. [...] Ele foi para lá [Portugal] porque o pai dele está lá – ele é novo, mas se for para escolher, ele escolheria os Estados Unidos (Relato de Cr).

Através do trabalho de campo e do que foi citado por Francisco Teixeira, percebemos que os emigrantes são, em sua maioria, de classe média baixa ou de classe baixa, relembrando que essas pessoas não dispõem, geralmente, de

recursos financeiros no momento em que decidem emigrar. Assim, os meios relatados como os mais frequentes para obtenção de “capital econômico” para efetivar a viagem foram: o dinheiro do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço – FGTS, os empréstimos de familiares, a venda de bens e o empréstimo de pessoas desconhecidas, os agiotas.

Você paga mil dólares da passagem e mais mil dólares, é a exigência deles, para entrar no país. Então, geralmente, muitos não têm esse dinheiro. E o que que faz? Compra a passagem aqui à prestação e pega esse dinheiro emprestado só para entrar. Assim que chegar lá, devolve ele aqui, mas deve pagar juros para essa pessoa que pegou, um parente ou uma pessoa qualquer (Relato de Ro).

Outra forma de obtenção de recursos para financiar a emigração é o empréstimo de familiares. Muitas vezes, as quantias necessárias são enviadas por parentes que já estão fora do país e que também incentivam a ida de outros membros familiares. Além disso, os relatos indicaram também que algumas pessoas venderam carros, motos ou a própria casa com o intuito de obter mais ou melhores bens através do projeto migratório, objetivo que nem sempre é alcançado.

Na época, ela [irmã] pediu até um dinheiro emprestado para mim para poder ir e vender... e pegou mais um pouco com um, um pouco com outro e foi (Relato de Al).

O nosso objetivo é casa própria. Na verdade, nós tínhamos a nossa casa própria, mas não era aquela casa... não era a dos sonhos na verdade [moram de aluguel atualmente] (Relato de Co).

Além disso, outra ramificação da profissionalização da emigração na cidade, que deve ser analisada como uma das bases de sustentação do processo migratório, é a agiotagem. Em troca do empréstimo, o emigrante deixa móveis e imóveis – sua própria casa – como garantia do reembolso da quantia auferida. Após a chegada ao destino, o dinheiro é pago totalmente ou em parcelas a juros de 10% ao mês, e, caso isso não ocorra, os bens penhorados são subtraídos pelo agiota, mesmo que o valor destes sejam superiores ao emprestado. A partir desse contexto, fica evidente a relação de poder existente entre o agiota e o emigrante, bem como o controle que ele exerce sobre a vida da família que permanece no Brasil. Por necessitarem do dinheiro, são os emigrantes e seus familiares que devem confiar no agiota; até que a quantia não seja totalmente quitada, não há qualquer garantia de que ele não se apossará dos bens penhorados.

No entanto, segundo os relatos, a maioria dos emigrantes consegue pagar as dívidas que contraem no Brasil para a realização da viagem. Quando migram para Portugal, como vimos, os gastos são menores e, portanto, podem ser pagos em menor tempo. Trabalhando em solo lusitano, demoram cerca de seis meses para quitar todas as dívidas; no caso da emigração para os Estados Unidos, por ter um custo bem mais alto, o imigrante trabalha pelo menos por um ano. Assim, o calote das dívidas e a consequente perda do móvel ou imóvel penhorado só ocorrem em casos aparentemente eventuais:

quando o imigrante é preso pela Polícia de Imigração – na fronteira entre o México e os Estados Unidos –, ou quando já imigram com a intenção de construir uma nova vida no país de destino e não pensam em retornar ao Brasil. Neste último caso, geralmente, são solteiros que não possuem família na cidade.

Dessa forma, percebemos que os projetos migratórios em Governador Valadares são efetivados através de redes profissionais de informações e de serviços, as quais viabilizam qualquer que seja o destino desejado. Estruturas que podemos chamar de profissionais, pois buscam auxiliar o emigrante na realização da entrada em determinado país, mas que, em relação ao fluxo de pessoas para Portugal, não são produto do redirecionamento do complexo ligado à imigração ilegal em solo estadunidense, que é realizada por meio de atravessadores e coites – pessoas que conduzem os imigrantes do Brasil até a fronteira México–Estados Unidos. A imigração ilegal em solo norte-americano ainda permanece constante e muito rentável para que haja um deslocamento da atenção de seus “agenciadores” e do aparato existente para outro destino.

Como se pode perceber, Portugal era visto como uma segunda opção, não muito valorizada, mas mesmo assim um local cada vez mais procurado. Portugal era considerado um país muito menos promissor que os EUA, em termos de capacidade de juntar o dinheiro por parte dos migrantes. Muitos consideravam que o sacrifício de uma dívida maior era

compensado pela capacidade de juntar dinheiro nos EUA. Outros migraram para Portugal imaginando trabalhar para conseguir o dinheiro necessário para a viagem aos EUA.

Além disso, apesar do grande contingente de imigrantes valadarenses em solo português que datam suas viagens após 2001, ano também de “endurecimento” das políticas migratórias estadunidenses, não ficou evidente que a intensificação do fluxo migratório para Portugal estivesse ligada aos rearranjos para a rota Brasil-Portugal da estrutura de emigração que visava à entrada nos Estados Unidos. Segundo o delegado Rui Antônio, embora o fluxo valadarense para Portugal tenha tido seu ponto máximo nos anos de 2004 e 2005, não é de conhecimento da Polícia Federal brasileira a existência de qualquer estrutura que auxiliasse ou facilitasse a imigração de brasileiros em Portugal. Para ele, o aumento deve-se mais a não necessidade de visto para entrada neste país, considerando que os delitos que geralmente ocorrem são a falsificação de documentos, como cartões de crédito, comprovantes de renda e comprovantes de endereço, documentos estes que necessitam ser apresentados à Polícia de Imigração portuguesa caso sejam requisitados para certificarem a ida como visitante ao país.

Em Portugal, você pode ser deportado, mas também você pode passar livremente, mas lá [EUA] é mais difícil: você tem que ter o visto, tem que ter várias coisas para entrar legal no país ou, então, tem que correr aquele risco pelo México. [...] Os Estados Unidos, além de ser mais caro, é mais difícil. [...]

Uns morrem no deserto e não podem nem voltar para casa
(Relato de Me).

Por outro lado, a viagem para os EUA é muito arriscada. Os casos de mortes envolvidas na travessia são inúmeros e noticiados constantemente nos jornais nacionais, estaduais e locais. Dadas essas condições era muito frequente que alguns dos migrantes que sonhavam em ir para os EUA desistissem, mesmo conseguindo o dinheiro suficiente para a viagem. Alguns, portanto, optaram por uma aventura mais segura.

Não, ela queria ir para o EUA. [...] Mas eu falei para ela não ir, pois é muito arriscado. E todo mundo da cidadezinha onde ela mora estava indo para Portugal, deste modo, ela resolveu ir para Portugal. O euro é mais alto que o dólar. O euro, no caso, você ganha menos, e dólar você ganha mais, essa é a diferença! (Relato de Al).

Portugal. Porque não tenho condições de ir para a América por causa de visto. E ir para a América já clandestino já é mais... é perigoso. Então, eu acho melhor ir para Portugal, mas se eu tivesse oportunidade de ir para a América eu também ia. No mesmo setor de trabalho meu (Relato de Ro).

Mas a opção significa sempre certa frustração com a impossibilidade de chegar aos EUA, verdadeira Meca valadarense. Vejamos esta fala, que indica as complexidades das escolhas tomadas:

É porque Portugal já está... Por que todo mundo está preferindo Portugal agora? Porque os Estados Unidos já está saturado, além disso, tem as dificuldades: as pessoas têm que passar pelo México, é muito perigoso. Então, Portugal é mais

fácil. Então, as pessoas estão indo para Portugal que tem uma moeda que é o Euro que é mais forte que o nosso dinheiro. Então, antigamente... Porque se EUA fosse fácil de ir, todo mundo estava indo para os Estados Unidos; ninguém quer saber de Portugal, não. Portugal é uma opção que aparece; não é que Portugal é um paraíso, não. Ninguém quer saber de Portugal, ninguém quer saber da Europa. Todo mundo, quando fala em ir embora daqui, só quer ir para os Estados Unidos porque lá você tem uma moeda forte, você tem os direitos civis seus que são respeitados, você pode crescer, você pode montar uma empresa que ninguém vai te perturbar, você está entendendo? (Relato de Gil).

As dificuldades de entrada nos EUA conduziram a outras alternativas, mesmo que à contragosto. O discurso evidencia uma relação mais ou menos mítica com os EUA, como terra dos direitos respeitados, como lugar de tranquilidade, caso se trabalhe duro. Provavelmente, isso faz parte de uma mitologia nativa, que foi se construindo nesse longo processo de criação de redes sociais entre a região de Valadares e os EUA. Qualquer alternativa pareceria “menor”, a se considerar a importância do mito EUA.

Ainda na relação entre escolher Portugal ou EUA, alguns migrantes têm em Portugal uma espécie de “escola da migração”. Esse é um exemplo muito menos frequente em nossas entrevistas, mas apareceu em algumas: um pai ou mãe, diante da insistência do filho ou filha em migrar, decide enviá-lo/a primeiro a Portugal, para ver se ele/a consegue superar as agruras do processo migratório. A escolha envolve menos

gastos para a família e oferece a oportunidade de demonstrar a capacidade de o/a filho/a sair-se bem. Caso consiga emprego e consiga pagar os custos que a família investiu na viagem, esta decidirá por enviá-lo/a aos EUA, o que implica em maiores gastos.

Esse é o caso de famílias em melhor situação financeira, envolvidas a longa data com a migração. Alguns pais não estão dispostos a gastar tanto dinheiro para perceber que o/a filho/a não “aguentou o tranco”. Assim, Portugal vira uma espécie de escola, um teste de tenacidade para jovens migrantes com apoio familiar. Nesses casos, o pagamento dos custos da viagem pelo filho migrante é indício de sucesso na empreitada. Uma vez provada a tenacidade, os planos são feitos: mais um ou dois anos juntando dinheiro em Portugal para a viagem aos EUA, o retorno seguido de um empréstimo familiar para a viagem clandestina aos EUA, etc.

Esses casos, que não são muitos, evidenciam como a emigração para Portugal se constituiu como um fenômeno relevante para a região de Valadares: a extensão das redes já constituídas entre Portugal e Valadares permitiu que virtualmente qualquer pretendente a migrante considerasse a possibilidade de tentar a sorte em terras lusas. Mesmo quando o destino era os EUA, Portugal poderia fazer parte da estratégia de migração.

Outra questão importante, percebida nas entrevistas e que ressalta a importância do fluxo para Portugal, é a

evidência de que alguns dos planos migratórios são construídos não como projetos de vida, mas como imposição e apreensão familiar. Uma de nossas entrevistas revelou a história de um jovem que foi induzido a migrar porque estava envolvido com drogas em Valadares. Os pais logo o mandaram para Portugal, a fim de afastá-lo de um ambiente perigoso em Valadares. Na entrevista afirmavam que a migração é muito dura e reforça o caráter de qualquer pessoa, e que, portanto, decidiram levar o filho a migrar, para que tivesse a experiência de trabalhar duro num país estrangeiro. Portugal passou a contar nos planos familiares também como uma opção para afastar jovens de situações perigosas. Curiosa inversão de perspectivas: em país estrangeiro, em situação ilegal, esses jovens parecem estar mais seguros aos pais que em Valadares.

Outro exemplo de “Portugal refúgio” é o caso dos que migram para “fazer companhia” a algum parente que enfrentou dificuldades no processo migratório. O caso que temos relatado é o de um jovem que foi, a pedido do pai, a acompanhar o tio, que estava sofrendo com uma recente separação. Com medo da reação do irmão perante a separação – a esposa pediu o divórcio após três anos de migração do marido –, o pai decidiu enviar o filho, a fim de ajudar o tio no trabalho (construção civil) e evitar que ele entrasse em depressão. A migração do filho, portanto, era parte de uma estratégia familiar, interessada em proteger seus membros. Esses dois casos peculiares, narrados nas entrevistas, embora menos frequentes, revelam

a dinâmica da migração, a importância das estruturas familiares e como Portugal passa a fazer parte do cotidiano de escolha dos valadarenses, entrando definitivamente nos roteiros das migrações internacionais desses cidadãos.

A CHEGADA E O TRABALHO

Emigrantes valadarenses têm como ocupação no mercado de trabalho português empregos que necessitam de menor qualificação, inserindo-se, principalmente, em setores da construção civil como servente de pedreiro, pedreiro e, em alguns casos, como encarregados de obras. Mulheres valadarenses ocupam cargos relacionados aos trabalhos de limpeza de residências e como acompanhante de idosos ou como babás.

No início desse fluxo migratório, esses valadarenses em geral emigravam sem conhecer ninguém em solo português. Assim, viajavam sozinhos ou, no máximo, acompanhados de um amigo. Atualmente, devido ao grande contingente de brasileiros nesse país, as histórias estão ligadas à ajuda de conhecidos ou parentes, os quais recebem os recém-chegados e, em alguns casos, também os indicam para algum emprego.

Eu morei com a minha cunhada, ela me explicou como fazia para arrumar serviço. Eu trabalhei no lar de idosos, trabalhei numa casa também cuidando de um casal de idosos e trabalhei num restaurante (Relato de Reg).

Em geral, é na casa de amigos ou familiares que os novos imigrantes permanecem até se estabilizarem no país. No entanto, essa ajuda não dura muito, e constantes foram os relatos de que o auxílio é apenas por poucos dias, tempo para que o imigrante consiga um emprego e arrume um local para morar.

Ele (sobrinho) ajudou a ajeitar a casa para a gente! E lá moramos eu, minha sobrinha, meu sobrinho e mais um casal, então seis pessoas, isso, seis pessoas! E ficamos naquela casa, ele pagou a primeira renda do primeiro mês, e depois fui procurar emprego. Daí eu achei emprego em restaurante, trabalhei em restaurante lá, lá se fala café. Aí eu fiz faxina, cuidei de idosos, o meu último emprego foi cuidar de idosos (Relato de Riv).

Embora haja a necessidade de muitas pessoas habitarem uma mesma residência devido ao alto custo de vida no país, nem sempre os imigrantes pertencentes a uma mesma família moram juntos ou têm algum contato. A coabitação de parentes é, em alguns casos, dificultada pela mobilidade necessária para obtenção de emprego. Muitos trabalhadores, em busca de serviços, mudam de cidade, morando, inclusive, nos próprios locais de obras, em alojamentos sem nenhuma estrutura: em barracos feitos de madeira, sem sistemas de calefação, dividindo espaço com os materiais de construção.

Nós moramos, meu primeiro mês, 18 pessoas numa casa de três cômodos. Logo em seguida, eu procurei mudar. Nós dividimos [...] quatro pessoas em cada casa de quatro cômodos: sala, cozinha e dois quartos com banheiro [...] eu fiquei

mais ou menos um mês só. Até localizar uma casa boa num local próximo ao trabalho para a gente poder dividir e ir para lá (Relato de Ro).

Entrevistador: A maior parte dos brasileiros sempre divide casa?

Resposta: Quem vai para lá com intenção de ter alguma coisa aqui, sim. Quem vai para viver, não: quem não tem que juntar dinheiro, nem mandar dinheiro (Relato de Ma).

A maior facilidade devido à semelhança do idioma, contrapondo-se à imigração em solo estadunidense, possibilita aos novos imigrantes uma maior independência dos parentes imigrados há mais tempo, permitindo que formem, quando possível, novos vínculos, tanto com brasileiros quanto com portugueses. Dessa forma, podemos inferir que o apoio familiar em Portugal é essencial somente na chegada ao país, tornando-se apenas complemento do contato deixado no Brasil e dispensável ao longo dos meses de imigração.

Num segundo momento, após estarem instalados, os imigrantes começavam a procura por serviços e, embora a maioria dos relatos tenha indicado que não havia garantia de emprego antes da imigração, eles enfatizavam, naquele momento, a facilidade de empregabilidade naquele país.

Eu cheguei lá no sábado, não... no Domingo e comecei a trabalhar na Segunda (Relato de Ma).

Ele chegou, ficou só três dias parado e já começou a trabalhar (Relato de El).

Nota-se que uma das maiores dificuldades da imigração, após as complicadas relações trabalhistas, está relacionada às relações sociais em território português. Tais dificuldades não se tornam um empecilho para a continuidade do fluxo migratório, mas são vistas como experiências de difícil enfrentamento devido à discriminação e à exploração do trabalhador, principalmente quando em condições de não documentados. Dentro de um universo descrito como de preconceito racial e de discriminação, o estereótipo da brasileira/imigrante ligado à prostituição e a imagem do brasileiro/imigrante como “problema” são fundamentais para entendermos o comportamento adotado por esses imigrantes a fim de evitarem ser estigmatizados.

No caso feminino, as imigrantes são constantemente associadas à prostituição devido à imagem corrente da brasileira como sensual, provocando grande dificuldade de relacionamentos conjugais estáveis entre portugueses e brasileiras em solo português (MACHADO, 2003; PISCITELLI, 2008). Além disso, algumas portuguesas consideram a presença das brasileiras uma ameaça para a vida conjugal lusitana, dificultando as amizades entre mulheres brasileiras e portuguesas (PONTES, 2006). Na imigração masculina, por sua vez, os imigrantes brasileiros têm a imagem de arruaceiros, bagunceiros e são associados, até por outros brasileiros, aos atos criminosos que ocorrem nas cidades portuguesas (OLIVEIRA, 2006).

Vemos que a maioria das mulheres brasileiras e de outros países também que estão lá migrando tem esse preconceito: eles

acham que as mulheres estão indo para prostituir. Não acham que elas vão para lá para trabalhar dignamente. Por exemplo: a esposa desse colega meu, a prima dele, a irmã da esposa dele, todas elas trabalhavam em casa de família em umas cinco, seis casas por dia. Então... Mas... É porque uma minoria que foi em busca de vida fácil lá acabou atrapalhando essa grande maioria que vai na boa, entendeu? Vai tentar trabalhar mesmo honestamente, ganhar o seu dinheiro (Relato de Ga).

Nós fomos para lá para trabalhar onde eles não gostavam de trabalhar. E a discriminação que temos de brasileiros lá, não sei se em quase todos os países tem, lá tem assim: no Brasil, esteja passando fome, tem que tomar cuidado, é brasileiro; está passando fome é ladrão. Só isso. Infelizmente, eles têm isso de nós (Relato de Ro).

Quando acontece de ouvir falar em alguma coisa mais... em assassinato ou roubo, pode saber que é o brasileiro. É muito difícil ser um angolano, e, sobre português, você nem vê comentário. Eu fiquei lá por três meses, e, nesse período, reportagens e o jornal não falaram nada sobre português; quando saía alguma coisa feia, ou era brasileiro e muito raramente era um ucraniano ou um angolano – que lá tem muito. (Relato de Lê/Jô).

OS COMPROMISSOS COM A FAMÍLIA

Vejamos um pouco da dinâmica migratória do ponto de vista das famílias que ficam. O movimento de entes familiares implica na constituição de novas formas de organização da família, baseadas em princípios distintos de relacionalidade. No capítulo anterior explicamos a dinâmica das “nanocasas” e o valor das remessas como parentesco a distância.

O processo da emigração internacional em Valadares aciona perspectivas de gênero e de geração, mediadas pelo envio de remessas como índice de continuidade das relações familiares. As perspectivas de gênero dizem respeito principalmente ao caso de homens que emigram deixando esposas como organizadoras do lar. Demonstramos como uma teia de relações que perpassa o controle social da sexualidade da mulher é construída em torno da ideia de fidelidade ao marido e respeito ao seu trabalho, materializado a partir das remessas.

A acusação de infidelidade é imediatamente relacionada a uma noção nativa de “abuso” sobre o trabalho do marido. Essas acusações em geral significam o fim do envio das remessas como sinal do fim da relação familiar. No que tange à relação de geração, analisamos a importância da remessa na organização da relação entre pais e filhos, indicando o que temos chamado de “consumo totêmico”: o fato de que determinado tipo de consumo de bens valorizados entre os jovens justifica a migração dos pais por um lado e, por outro, produz substitutos totêmicos para estes durante sua ausência. Tanto num caso como no outro as remessas operam como estruturadores de relações familiares, assumindo uma dimensão não econômica.

Importante ressaltar que, embora as remessas apareçam como substitutos da presença do ente ausente e operem como continuadores da relação, isso não significa que as pessoas sintam que o fluxo de dinheiro é equivalente à presença de

quem emigrou. No âmbito dos sentimentos a sensação é que o dinheiro não substitui a presença, mas ao menos indica que num futuro qualquer as pessoas da família se reunirão novamente. Ou seja, há uma análise formal de como as relações se estruturam, e afirmamos que o fluxo de dinheiro é fundamental na estruturação destas quando um ou mais entes estão ausentes. Mas essa análise não implica em afirmar que o fluxo de dinheiro e a presença do ente são qualitativamente semelhantes. Do ponto de vista dos sujeitos os bens e o dinheiro são um pálido substituto de quem emigrou. Porém, se são incomparáveis, são também, desse ponto de vista, índices indispensáveis da continuidade da relação.

Esse cenário de emigração indica que o movimento é visto e entendido como um sinônimo de “família”. Ele não aparece como um capital em si, mas como uma forma possível de erguer um núcleo familiar autônomo. Como “família”, essa movimentação supõe formas de agenciamento de uma presença “a distância”: o envio constante de remessas. Supõe uma materialização simbólica do ente ausente: os bens totêmicos, comprados por pais, maridos, noivos, filhos aos seus parentes que permaneceram em Valadares. Como família, a movimentação supõe também um risco de esfacelamento: o casamento pode acabar sob a ameaça de novas relações, traições e fim do envio de remessas.

A volta do ente ausente, ou dos entes ausentes, implica em novos desafios, agora a aventura é reestruturar relações

que aconteciam necessariamente a distância. Em algumas oportunidades isso não é possível, resultando num fim daqueles sonhos que geraram a movimentação, em outras resultam em desajustes sérios de ordem psicológica entre os membros de uma família agora unida fisicamente. O movimento implica em família como sonho e modelo futuro na ida e como reordenação de relações na volta. Algumas vezes tudo funciona a contento, outras vezes vivem-se grandes dramas.

IMPLICAÇÕES DOS PLANOS FAMILIARES NA VIDA DO EMIGRANTE

Passemos, nesta parte final, a observar como vivem os valadarenses em Portugal, tentando estabelecer relações com o que vimos na parte anterior. A primeira observação a se fazer é que a capacidade de manutenção de envio de remessas ao longo do tempo é uma forma de preservar a própria família que permaneceu em Valadares. O envio de presentes e de dinheiro para a compra específica de bens é a forma encontrada de “materializar a ausência”, dando provas sucessivas do comprometimento com os planos familiares que geraram a migração. Assim, manter-se trabalhando é o objetivo principal desses imigrantes.

Diferentemente dos brasileiros que ocupavam cargos voltados à restauração e comércio (MACHADO, 2009), esses imigrantes evitam se aproximar de imagens que sejam sinônimos de “brasilidade”. Eles procuram ter comportamentos

que sejam considerados os mais próximos dos moldes portugueses, buscando se adaptar ao modo de vida em Portugal. No “discurso nativo” pretendem parecer mais comedidos, mais resguardados. Buscam certa “invisibilidade social” enquanto grupo nacional (ou étnico), evitando ser considerados arruaceiros e, portanto, hostilizados e inferiorizados. Essa invisibilidade social é uma forma consciente de se manterem empregados e longe do perigo de deportações, uma vez que muitos se encontram não documentados.

Conheci mulheres dentro de Portugal – brasileiras – que trabalham até hoje, como minha cunhada faz, normalmente, e é tratada como uma pessoa normal dentro de Portugal, como uma pessoa de bem, como uma portuguesa, como uma pessoa comum. E conheci pessoas que são tratadas de maneiras diferentes... Diferentes por quê? O ambiente que ela trabalha, a maneira que ela se comporta... Português é um povo que não gosta de gente muito escandalosa... Entendeu? (Relato de Ad).

Eles falam que é tão ruim, que é tanta solidão, que é do serviço em casa, que não tem tempo para nada... Não tem tempo para ir... Igual aqui: você trabalha, mas você tira um dia, você tem tempo para ir à casa de um amigo, de um parente visitar. E lá não. Lá, não existe isso. Lá, todo mundo... Cada qual do seu serviço para casa, ninguém tem de estar indo na casa de ninguém... Não tem tempo, não! Porque eles trabalham em dobro (Relato de Ir).

Quem tem o visto de trabalho, tem um bom emprego; quem não tem, vai trabalhar para outras firmas clandestinas dentro de Portugal com angolano, africano, cabo-verdiano. Com estes, você corre o risco de trabalhar e não receber no final do mês (Relato de Ro).

Quem vai para lá que não tem o visto de trabalho fica mais difícil porque, quando eu estava lá, a Imigração ia ao setor de trabalho, e as pessoas que não tinham o visto de trabalho, eram pegadas e mandadas embora. Eles não aceitavam. Então, esses aí tinham que trabalhar clandestino. Então, é muito difícil trabalhar lá dessa forma. E, para trabalhar clandestino, você tem que trabalhar com firma que não é de Portugal, e esses pagavam você um mês bem, mas também chegaria mês que não te pagava nada (Relato de Ro).

Os processos de conflitos sociais entre portugueses e brasileiros têm sido apontados pela bibliografia. Machado (2009) aponta para uma série de estereótipos cruzados que são colocados em ação no encontro entre imigrantes brasileiros e portugueses. Torresan (2006) e Padilla (2006), por exemplo, indicam também as tensões entre imigrantes brasileiros e cidadãos portugueses, a partir de posições distintas. Padilla indica as dificuldades e problemas que surgem por conta da discriminação que sofrem no trabalho, na escola, na resolução de problemas cotidianos, enquanto Torresan demonstra a discriminação na esfera da vida afetiva, a dificuldade em constituir amizades e relacionamentos amorosos.

Para além dessas dificuldades enfrentadas coletivamente pela população brasileira, vemos que há também uma clivagem entre aqueles valadarenses que têm estatuto legal ou não. A dimensão de problemas é diferente, e as consequências da discriminação são também distintas em relação a essa clivagem. Os imigrantes não documentados, por exemplo, encontram-se inseridos no mercado de trabalho

informal, em condições de extrema vulnerabilidade. Devido à situação migratória não regulamentada, estão expostos a péssimas condições de trabalho, à exploração por parte dos empregadores, sem contratos de trabalho e impossibilitados de acesso à justiça do trabalho portuguesa. O dia a dia é permeado pelas ameaças de denúncias ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) devido à situação de irregularidade do imigrante, violência simbólica utilizada por pessoas comuns, mas também por patrões a fim de evitar denúncias de exploração no Ministério do Trabalho.

Lá a exploração é muito grande: às vezes, ele chega a trabalhar treze horas por dia e não ganha hora extra. [...] Então, têm vezes que ele trabalha treze horas, mas não recebe horas extras, ganha simplesmente o seco – €30 por dia. Fez hora extra, não paga a mais [...]. Têm brasileiros que trabalham para os portugueses e não recebem, e eles dizem: “Leva para a justiça. Se você levar, vai ganhar como? Você é um forasteiro!” (Relato de Jo).

Além disso, quando esses imigrantes têm a intenção de permanecer no país, procuram morar com poucas pessoas ou sozinhos, evitando uma maior concentração de estrangeiros num mesmo espaço, buscando discrição para dificultar possíveis problemas com os vizinhos ou patrões portugueses. Busca-se criar, por meio do resguardo, uma imagem de seriedade e um ambiente de moralidade frente aos portugueses, tendo em vista a imagem atual da imigração e dos imigrantes brasileiros em Portugal.

Afastando-se dos estereótipos de “brasilidade” e sujeitando-se a qualquer exigência do empregador português, esses trabalhadores buscam sua “invisibilidade social”, objetivando a manutenção do emprego e a garantia de continuidade do “sucesso financeiro” da imigração. No entanto, apesar da insegurança do trabalho não legalizado, os valadarenses enxergam vantagens no mercado de trabalho português. Há o compartilhamento da ideia de que Portugal é melhor, existe “cidadania” (respeito às leis de uma forma geral, não apenas as trabalhistas) e melhor remuneração mesmo para os trabalhos de baixa qualificação profissional. Apesar de os valadarenses aceitarem tais condições de trabalho e inserção social por meio da invisibilidade do mercado de trabalho, não se deve desconsiderar o sofrimento do imigrante durante a busca da “invisibilidade” para se manter aceito na sociedade lusitana. Os novos imigrantes valadarenses que se inserem no ramo da construção civil ou em trabalhos menos qualificados, por exemplo, não recorrem aos estereótipos de brasilidade, como a alegria e a simpatia ao buscarem um trabalho (MACHADO, 2003), ao contrário, evitam os sinônimos com a nacionalidade brasileira. Eles procuram ter o mesmo comportamento que um português, tendo a necessidade de efetuar seu trabalho sem uma “visibilidade”.

Colocar-se em situações de vulnerabilidade possibilita, do ponto de vista de imigrantes e seus familiares, benefícios devido às melhores remunerações se comparadas aos salários

obtidos no Brasil, mesmo levando em conta as dificuldades de aceitação social e de uma subordinação intensa desses imigrantes ao empregador em solo português, além da necessidade de adequação aos padrões da hierarquia de alteridades portuguesas (MACHADO, 2003).

Além disso, de acordo com os relatos, os imigrantes que não têm a situação regularizada afirmam a necessidade de conquista da “confiança” dos empregadores para permanecerem no emprego. Essa “confiança” é obtida por meio da aceitação da dominação e do universo simbólico e moral da sociedade portuguesa (MACHADO, 2004). Com isso, ao encontrar um emprego, esse imigrante brasileiro acaba aceitando todas as exigências do patrão, não questionando as condições de trabalho nem o salário.

É difícil. São muito ignorantes. Eles não sabem chegar: “Ah, você fez isso assim errado”. Eles já chegam te xingando, te humilhando, te pondo no chão. Aí, se você ficar calada, eles montam. No início, eu vivia chorando, chorando, chorando e tomando remédio, que era o remédio que eu tomava para depressão e outro para nervoso (Relato de Ma).

Ele fala que de início os portugueses são muito brutos. Mas muitas coisas precisam ser relevadas, pois se precisa trabalhar, né! Tem que tolerar muita coisa dos portugueses! Os portugueses são muito estúpidos (Relato de Joa).

Os trabalhadores legalizados, por sua vez, não estão sujeitos aos riscos de deportação e obtêm empregos nos quais não estão tão sujeitos aos calotes nem à exploração no

trabalho. Com estatuto regularizado, esses imigrantes obtêm uma condição de vida mais estável, com emprego fixo, além de terem a possibilidade de deslocar a família brasileira para residir em Portugal. Essa situação possibilita a esses trabalhadores condições favoráveis à execução de um projeto migratório de “sucesso”. No entanto, apesar de terem melhores oportunidades durante o projeto migratório, esses valadarenses também enfrentam problemas em suas relações com os portugueses. Dessa forma, buscam, igualmente aos não documentados, certa “invisibilidade social” a fim de evitar problemas que estejam relacionados aos valores sociais e simbólicos portugueses. Dessa maneira, esse grupo de imigrantes procura uma inserção mais discreta na sociedade e no mercado de trabalho português.

Apesar das semelhanças da língua e a ligação com o passado histórico colonial, os brasileiros sabem das diferenças culturais e apontam o comportamento, o “gênio” diferente dos portugueses e a forma de tratar os trabalhadores como uma *prática normal* e, portanto, uma forma aceitável de explicar a exploração dos lusitanos sobre os imigrantes. Acreditam que, por serem nações diferentes, seria normal haver um choque cultural e a não aceitação pelo português da imigração em território luso. A aceitação do processo de exploração dos portugueses sobre os brasileiros ocorre, pois, a partir das diversas experiências migratórias. Definiu-se, ao longo dos anos, um consenso para os valadarenses de que a migração não é uma experiência agradável

nem fácil. Dessa forma, os discursos desses imigrantes marcam uma retórica na qual eles reconhecem que precisam “enfrentar” – não significando questionar – o choque cultural decorrente do contato com a comunidade portuguesa em busca do “sucesso financeiro”. Esse problema deve ser superado por aqueles que almejam o sucesso no projeto migratório, aceitando a diferença cultural e submetendo-se àquilo que consideram valores e comportamentos portugueses.

O português é muito exigente, mas ele é muito gentil. Então, questão de cultura. Então, você vai para um país diferente e você quer ultrapassar a cultura por pouco que você não é nada lá dentro, não significa nada para eles, aí você passa a ser uma pessoa... Como se diz? É... uma má pessoa. Passa a ser visto como uma pessoa má. Então, você sair do país igual o nosso que você tem liberdade, que tem um clima ótimo [...] o nosso país é muito caloroso. E você chegar lá fora e achar que você está dentro da sua casa... Entendeu? Você vai quebrar a cara. Não pode ser assim. Você vai para um país diferente, cultura diferente, fala diferente, ouve dialetos diferentes o que você tem que fazer? Você tem que procurar assimilar a cultura da melhor maneira possível, a maneira de viver, [...] e passar a viver da maneira deles. Certo? Lógico que não esquecendo da sua origem, do seu passado porque você tem que valorizar isso. Mas, nesse meio tempo que você está fora, você tem que valorizar muito mais a cultura da casa onde você está morando no momento. Esse é o problema (Relato de Ad).

Os portugueses... Os brasileiros reclamam que eles são muito ignorantes, mas não é; é a natureza deles, eles são muito francos. Eles não são iguais a nós que, se tiver que falar alguma coisa com você, tem que esperar alguém sair e depois também tem que ficar dando volta para te falar, não. Eles

são curtos e grossos: se tiver que falar, eles falam no meio de qualquer um, do jeito que tiver que falar, eles falam. Eles não dão volta para falar, eles são francos demais e nós somos mais recuados (Relato de Lê/Jô).

Ah, ele falou que é a diferença mesmo... É que o pessoal lá, eles não aceitam muito, não. Mas... Só que se você está totalmente legal, eles não têm muita restrição, não. Entendeu? Mas, se a pessoa é ilegal, eles dão uma explorada legal... Mas é normal, todo lugar... Menos no Brasil que não tem isso, né? (risos) Quando você sai de um país pro outro, sempre eles exploram de vocês, né? Então, isso é normal (Relato de Ke).

Assim, os valadarenses enfatizam que o êxito migratório está diretamente ligado ao enfoque dado pelo imigrante ao trabalho. Manter uma vida social fora da esfera do trabalho, com participação em festas e encontros em bares é se colocar numa situação de possíveis problemas com os portugueses, além de atrasar a finalização do projeto migratório e o retorno a Governador Valadares. Ou seja, significa uma espécie de falta de compromisso com a família. Nesse contexto, percebemos também que os próprios imigrantes valadarenses classificam a si e aos outros imigrantes brasileiros em dois grupos de trabalhadores: aqueles que vão para acumular dinheiro e retornar ao Brasil e os que, apesar de visarem à acumulação monetária, buscam também – como eles próprios denominam – “viver Portugal”, aproveitando os dias de folga para passear e conhecer o país.

No primeiro caso, esses imigrantes consideram-se reservados e responsáveis, pois, por não aproveitarem a esta-

dia em território português, não gastam suas economias em coisas vistas como supérfluas. O salário é usado apenas em necessidades mais básicas, e a maior parte da remuneração é enviada para a família em solo brasileiro. Para uma maior acumulação monetária, esses brasileiros se submetem à dupla jornada de trabalho e às explorações dos patrões portugueses ou mesmos brasileiros. Esses imigrantes explicam que o esforço deve ser visto como necessário, tendo em vista os objetivos da migração. Eles afirmam que, para conseguir retornar rapidamente à cidade natal, é preciso se submeter à situação de um imigrante não documentado, sem reclamações quanto às condições de vida e de exploração e sem gozarem da vida em Portugal, considerada uma vida com mais qualidade. Para eles, não é adequado ou justo aproveitar a vida em solo europeu enquanto a família passa por dificuldades econômicas no Brasil.

A reunião entre brasileiros em festas e churrascos não é considerada um gasto sem sentido apenas quando o intuito é o reencontro, em finais de semana ou feriados, com parentes que também imigraram em Portugal, com amigos/novos imigrantes que trazem notícias de familiares que permanecem em solo brasileiro, ou com amigos/imigrantes que possuem maior contato com outros familiares também imigrantes em território português.

Os imigrantes do segundo grupo, por sua vez, apesar de também acumularem divisas e enviarem dinheiro para os familiares

em solo brasileiro, utilizam uma parte do salário em solo português em um estilo de consumo considerado melhor e, portanto, mais caro. Por esse motivo, a estadia de muitos deles se prolonga, e, dessa forma, são considerados pelo primeiro grupo como esbanjadores de dinheiro. Julgados a partir da ética do trabalho (e da família, numa acepção valadarensense), esses imigrantes são vistos como sem sucesso pelo primeiro grupo, como imigrantes que não sabem aproveitar a oportunidade de trabalho no exterior e de melhores salários. Em contrapartida, os imigrantes do primeiro grupo são, em alguns momentos, considerados “misérrimos” pelos trabalhadores do segundo grupo.

Em contraposição a isso, o conceito desenvolvido sobre o Brasil por parte desses imigrantes é negativo. Eles afirmam que as cidades, as pessoas e o governo apresentam relações sociais e institucionais desorganizadas – constantemente eles citam os casos de corrupção do governo brasileiro e que existiria pouco respeito com os trabalhadores no Brasil, que não há perspectiva de vida e que o país é atrasado econômica e politicamente. Assim, tal situação nos permite analisar que, embora ocorra uma dificuldade na aceitabilidade e a subalternidade desses imigrantes no mercado de trabalho português junto à necessidade de adequação aos padrões da hierarquia de alteridades portuguesas (MACHADO, 2004), essa condição de trabalho não documentado continua, segundo os relatos, trazendo melhores benefícios e compensando as desvantagens da imigração.

A questão não é que vale a pena. Nós é que temos que fazer valer a pena. Certo? Nós é que temos que tentar fazer valer a pena. Não vale a pena nunca você abandonar uma família, os seus familiares. Nunca vai valer a pena. Então, nós temos que tentar o mínimo... o mínimo possível tentar fazer com que valha a pena. Você tem que conseguir um retorno qualquer... Por aí (Relato de Ad).

Pra quem gosta de trabalhar, vale. Para quem não tem preguiça. Se escolher também, não tem como. [...] Por mim, eu ficaria lá, mas meu marido que não quer. Eu gosto de lá, eu não gosto daqui, não. Isso aqui não está com nada, não. A gente trabalha, trabalha e não tem nada (Relato de Ma).³⁸

Ah, final de semana à noite, eles se juntam e vai todo mundo farrear. Os solteiros! Os casados vão para casa! Porque, se você for tomar cerveja lá, saindo à noite assim, você não junta dinheiro nem para vir embora. Eu tenho colegas que estão lá que não têm dinheiro para vir embora. O que fazer é para gastar lá (Relato de Cl).³⁹

Ele é uma pessoa muito econômica – não bebe, só fuma –, e os amigos dele de lá gostam muito de viver Portugal e ele não vive Portugal [...]. Ele contava para mim por telefone assim... que eles [outros brasileiros] tinham meu marido como miserável, pois sexta, sábado e domingo eles não faziam comida, e meu marido fazia. Ele não ia lanchar, não almoçava

38 Esta entrevista refere-se a uma imigrante que está de passagem em Governador Valadares para resolver a questão da custódia dos filhos. Na transcrição presente ela faz referência a Portugal e ao seu desejo de mudar toda a família para lá, mas seu marido ainda deseja retornar para a cidade mineira.

39 Esta entrevista, também, é referente a um imigrante retornado de Portugal.

fora e eles falavam: “Você é muito miserável, Ziba, deixa de ser bobo, você tem que se alimentar”. E, então, ele dizia: “Eu estou me alimentando, já comi minha carniinha, meu feijãozinho, meu arrozinho, eu não vou”. Então, ele não ia para os Cafés (Relato de Joe).

O sucesso do projeto migratório é aceito pelos valadarenses quando estes se dedicam exclusivamente ao trabalho. Aqueles que mantêm uma vida social para além desse âmbito, usufruindo o dinheiro em consumo visto como supérfluo, não são aceitos pelos outros migrantes brasileiros, nem pelos portugueses. Pois, de acordo com o ideário criado em Governador Valadares, o emigrante ao sair de seu país objetiva conseguir melhor condição salarial que possibilite uma melhor qualidade de vida não apenas para si, mas para toda a família. Desse modo, notamos como a vida do imigrante é determinada socialmente pela dedicação exclusiva ao trabalho. Em outras palavras, a condição de imigrante – vista pela esfera da moralidade – “obriga” o indivíduo a se dedicar ao trabalho, tendo como finalidade o envio de remessas de dinheiro para os familiares no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo faz parte de uma série de trabalhos sobre a migração de valadarenses para Portugal que temos publicado desde 2005. Num primeiro texto mais especulativo (MACHADO, 2005) indicamos a relação entre a profissionalização

da migração, por meio de estruturas organizadas de envio de emigrantes, e uma inserção diferenciada no mercado de trabalho. Indicávamos que talvez esse processo tivesse relação com a estrutura montada em Valadares para o envio de emigrantes para os EUA, que depois teria sido direcionada para Portugal. Naquele momento especulamos que esse tipo de processo teria implicações para a construção de diferencialidades brasileiras em Portugal, em contraposição aos processos que descrevemos em 2003, a partir de etnografia realizada na cidade do Porto.

Este capítulo, de fato, comprova essa diferença substancial, demonstrando que esses brasileiros articulam uma diferencialidade focada numa “invisibilidade militante”. Se antes (MACHADO, 2003) víamos os brasileiros se inserindo por uma espécie de “mercado do exótico”, vemos entre os valadarenses exatamente o oposto, uma busca pela discrição. Vimos como Portugal transformou-se numa alternativa efetiva à emigração para os EUA, estabelecendo uma tipologia de motivos que explicam essa virada, mesmo que o destino norte-americano continue a ser o preferido.

Procuramos, para além das motivações que explicam as decisões por um destino ou outro, algo da experiência de vida desses migrantes em solo português. A dinâmica que aqui encontramos se refere de forma sistemática àquilo que definimos como a importância da família na constituição dos fluxos, das decisões e das formas de vivenciar a imigração em

solo estrangeiro. Temos notado uma reorganização tensa das formas de constituição da família em Valadares, atravessada pela experiência da migração. Essa reorganização modula a relação de filhos e pais, esposos e esposas separados pela emigração.

Trazemos também informações mais precisas sobre como a questão da família e do retorno, mediada pela remessa de recursos, influencia a forma de estar em Portugal: vimos que o compromisso firme com parte da família que ficou implica em tornar-se “invisível” e em evitar uma experiência de socialização entre imigrantes brasileiros. Poderíamos dizer que se busca uma solidão compulsória, como estratégia de acumular mais recursos e abreviar a volta. Por outro lado, aqueles que têm laços menos intensos se permitem um tipo de socialização discriminado como “inconsequente” pelos valadarenses em Governador Valadares. Inconsequente porque dificulta o acúmulo de recursos e desestimula o imigrante a trabalhar em dois empregos, por exemplo. Ou seja, as opções de trabalho do imigrante em solo português são condicionadas pela forma como um projeto familiar é constituído ainda em Valadares. Pode-se afirmar que os mecanismos de constituição de núcleos familiares em Valadares explicam muito do que acontece em solo estrangeiro, seja português ou norte-americano.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. G. *A formação da identidade do imigrante valadarense em Portugal*. Relatório final de iniciação científica (ProPg – UFSCar), São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2006.

_____. *Valadarenses em Portugal: novas identidades e mercado de trabalho*. Relatório final de iniciação científica (Fapesp), São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2007.

CASA DO BRASIL EM LISBOA. A 2ª vaga da imigração brasileira para Portugal (1998–2003): estudo de opinião a imigrantes residentes nos distritos de Lisboa e Setúbal – informação estatística e elementos de análise. In: MALHEIROS, J. (Org.). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I. P.), 2007.

FUSCO, W. Redes sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados Unidos. In: CASTRO, M. G. (Coord.). *Migrações internacionais: contribuições para políticas, Brasil 2000*. Brasília: CNPD, 2001. p. 427–445.

GUERREIRO, A. *Os filhos da migração transnacional: novas estruturas familiares e a educação das crianças na região de governador Valadares*. Relatório final de iniciação científica (CNPq-PIBIC), São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2008.

MACHADO, I. J. R. *Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)– Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____. Imigrantes brasileiros no Porto. Aproximação à perenidade de ordens raciais e coloniais portuguesas. *Lusotopie*, Paris, v. 2004, n. 1, p. 121–142, 2004.

_____. Implicações da imigração estimulada por redes ilegais de aliciamento: o caso dos brasileiros em Portugal. *Ilha: Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 7, n. 1–2, p. 187–212, 2005.

_____. *Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

MACHADO, I. J. R.; ALMEIDA, A. G.; REIS, E. S. Algumas características do fluxo migratório de brasileiros de Governador Valadares para Portugal. *Antropológicas*, Porto, v. 11, p. 111–126, 2009.

MACHADO, I. J. R.; REIS, E. S. Algumas conclusões acerca do fluxo de valadarenses para Portugal. *Teoria & Pesquisa*, São Carlos, v. 16, n. 1, p. 153-166, 2007.

MALHEIROS, J. et al. *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, IP, 2007.

MAZER, R. M. *O retorno do migrante: o fim das remessas e a ordem das relações*. Relatório de Iniciação Científica (CNPq). São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2010. 37 p.

OLIVEIRA, S. Sem lenço, sem documento: brasileiros não-documentados em Portugal. In: MACHADO, I. J. R. (Org.). *Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal*. 1. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2006.

PADILLA, B. Integração dos imigrantes recém-chegados na sociedade portuguesa: problemas e possibilidades. In: MACHADO, I. J. R. (Org.). *Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal*. 1. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2006.

PEIXOTO, J.; FIGUEIREDO, A. Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal. In: MACHADO, I. J. R. (Org.). *Um mar de identidades: imigração brasileira em Portugal*. EdUFSCar: São Carlos, 2006.

PISCITELLI, A. G. Sexo Tropical em um país europeu: migração de brasileiras no marco do “turismo sexual” internacional. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 13, 2007.

PONTES, L. Mulheres imigrantes brasileiras em Lisboa. MACHADO, I. J. R. (Org.). *Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal*. 1. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2006.

REIS, E. R. *Questões sobre a indústria da emigração: conexões Portugal/ Governador Valadares*. Relatório final de iniciação científica (CNPq-PIBIC), São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2006.

_____. *Casamento e família em contexto migratório*. Relatório final de iniciação científica (CNPq-PIBIC), São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2007.

ROSSI, P. L. Remessas de imigrantes: estudo de caso de brasileiros em Portugal. In: MALHEIROS, J. (Org.). *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I. P.), 2007.

SERRA, F. G. *O Fenômeno da migração em Governador Valadares: aspectos da saúde das mulheres*. Relatório de Iniciação Científica (CNPq). São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2009. 38 p.

SOARES, W. *Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga*. Tese (Doutorado em Demografia)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

STABELINI, F. *Parentesco, totemismo e sistemas de classificação no contexto migratório de Governador Valadares*. Relatório final de iniciação científica (CNPq–PIBIC), São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2008.

TECHIO, K. *Pizza sabor identidade: brasileiros evangélicos em um restaurante na Costa da Caparica*. In: MACHADO, I. J. R. (Org.). *Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal*. 1. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2006.

TORRESAN, A. *Emoções fora do lugar: negociando amizade em Lisboa*. In: MACHADO, I. J. R. (Org.). *Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: EdUFSCar, 2006. p. 189–228.